

*Manuel Leal Júnior*

**A NOSSA TERRA**

**— A NOSSA FAMÍLIA**

**2.<sup>A</sup> EDIÇÃO**

**Vila Nova de Poiares**

**29 - 11 - 1976**

AND I KNOW

WILL BE GOOD

**Manuel Leal Junior**

*A Nossa Terra*

*A Nossa Família*

**2.a EDIÇÃO**

**Vila Nova de Poiares**

**29 - 11 - 1976**

Manuel Leal Junior

A Nossa Terra

A Nossa Família

2ª EDIÇÃO

Vila Nova de Poiares

29-11-1976

A fazção deste livro



N. de Poiares - Quinta do Paraíso - Lázio Nascimento

VIVENDA LEAL - «PARAÍSO»

29-11-1976



## A razão deste livro

*Tanto os meus filhos e netos como os meus sobrinhos, muitas vezes falando dos nossos antepassados, me manifestaram o desejo de saber quem teriam sido.*

*Em 1973 ofereci-lhes um pequeno opúsculo, que em parte, os não satisfez.*

*Prometi nessa data fazer uma publicação mais minuciosa que hoje lhes ofereço.*

*Lembrei-me que na freguesia também havia mocidade que gostasse de saber alguma coisa da sua terra, motivo porque o tornei extensivo à sede da freguesia e alguns lugares meus conhecidos.*

*Não tem quaisquer pretensões este livro.*

*Unicamente dar a conhecer um pouco da nossa terra que muito amamos.*

*Lá diz o povo e é bem verdade.*

*«É tão linda a nossa aldeia  
Que até mesmo os passarinhos  
Em noites de lua cheia  
A saudam dos seus ninhos.»*

*«Paraiso»*

*V. N. de Poiares*

*29-11-1976*

*Dia dos meus 85 anos.*

O AUTOR





## *Aguda na antiguidade*

AGÚDA é a sede de uma freguesia constituída por 42 povoações, com 638 fogos. Em 1860 tinha 352.

Dista 15 quilómetros de Figueiró dos Vinhos, séde do concelho, distância agora encurtada com a construção da estrada por Fato, Ponte de S. Simão. Os lugares mais populosos da freguesia são: Abrunheira, Almofalas, Casal Velho, Cercal, Chimpeles, Fato, Moninhos e Coelheira. Agúda é servida por estrada alcatroada até Almofala onde liga com a Nacional n.º 239.

Nos tempos passados, Agúda, Chão de Couce, Pousaflores Maçãs, formavam a comarca das Cinco Vilas. Por Decreto de 31 de Dezembro de 1836, Agúda passou para o Concelho de Maçãs e por Decreto de 24 de Outubro de 1855 para o de Figueiró.

Agúda com terras visinhas foram concedidas no tempo de D. João V ao 'Conde de Vila Real, D. Pedro de Menezes, em carta de 4 de Julho de 1451.

Todas as Cinco Vilas foram do marquês de Vila Real, os quais viviam em Chão de Couce, num palácio com capela dedicada a N. S.<sup>a</sup> do Rosário, hoje chamada Quinta de Cima, com jardim, pomares e castanheiros bravos.

D. Pedro I fez doação da Vila de Agúda ao Conde D. João Telo de Menezes por carta de 10 de Fevereiro de 1360.

Mais tarde, El-Rei D. Duarte, cedeu-a ao II Conde de Viana e I de Vila Real, D. Pedro de Menezes, com a prerrogativa de nomear alcaides, juizes e tabeliães para Agúda, Avelar, Chão de Couce e Maçãs. Em 12 de Novembro de 1514 D. Manuel I deu foral e título de vila a estas povoações, cuja confirmação foi mais tarde feita por D. Filipe I em 7 de Outubro de 1594. Todas estas terras pertenceram ao Infantado até 1834, data em que passaram para a posse de proprietários de terras aforadas por quota certa. A Quinta de Cima passou para a posse de António Lopes do Rego, Sargento Mór e Cavaleiro da Ordem de Cristo.

Mais tarde foi seu proprietário o Dr. Alberto Rego, casado com D. Elvira Rego, família a todos os títulos ilustre.

Hoje pertence a seu sobrinho, Engenheiro Silvicultor Alfredo Rego Barata, que ali reside com a sua família.



AGUDA

## *Aguda na actualidade*

Agúda apresenta ainda o seu antigo pitoresco. Aqui e além existem antigos carvalhos.

Recordo-me ainda das ruínas de um palácio cujas janelas do rés do chão eram todas gradeadas a ferro. Esse palácio foi, cerca do ano de 1910 mandado demolir por Ambrósio Carvalho de Abreu, que ali plantou uma vinha. Era no lado sul do actual cemitério. Tratava-se, sem dúvida, do palácio dos antigos titulares.

Presentemente Agúda tem luz eléctrica, telefone — Posto público e particulares e distribuição domiciliária de correspondência. Possui edifício escolar com 2 salas de aula, sendo suas professoras, D. Maria Celeste Pinheiro da Silva Ramalho e D. Maria Virgínia dos Santos Simões, natural do Fato, onde foi Regente Escolar, tendo mais tarde frequentado a Escola Normal de Coimbra, terminando o seu curso com 15 valores.

A actual Comissão Administrativa da Junta de Freguesia é constituída pelos seguintes elementos: Presidente — José Emídio Godinho de Oliveira, Secretário — Hermínio Simões Tomaz e Tesoureiro — Fernando Lopes Jorge.

Regedor — Ramiro Simões Rijo e pároco da freguesia o Dr. Mário Marques Mendes que recentemente se formou.

Pessoas mais em destaque: António Simões da Silva, que durante alguns anos foi presidente da Junta de Freguesia e vereador da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, Abílio Mendes e Augusto Simões.

Há três estabelecimentos comerciais que são de Armando Medeiros Jorge, Ramiro Simões Rijo e Mário Simões Jorge.

Ainda não tem carreira de Camionetas, mas já foi pedida, esperando-se que tal pedido seja deferido com a abertura da estrada — Fato, Ponte de S. Simão, Figueiró dos Vinhos.

**Relação dos lugares da Freguesia de Aguda  
e seus fogos em 1860 e 1976**

Lugares	Fogos em 1860	Fogos em 1976	Lugares	Fogos em 1860	Fogos em 1976
				206	430
Abrunheira	15	27	Lomba da Casa	24	19
Agúda (sede da freg.)	30	65	Martingago	—	15
Além da Ribeira	3	4	Moinhos da Toca	3	1
Almofala de Baixo	13	51	Moninhos Cimeiros	28	30
Almofala de Cima	27	28	Moninhos Fundeiros	20	33
Azeitão	6	11	Olival	14	17
Bairro	—	17	Pena	4	—
Casal do Castanheiro	9	19	Pereira	—	2
Casal do Pedro	11	16	P. Braz Curado-Bacelo	4	7
Casal do Ruivo	3	9	Ponte S. Simão	11	13
Casal de S. Simão	5	9	Quinta da Fonte	1	3
Casalinho	1	—	Quinta da Ribeira	1	3
Casal Velho	9	25	Rego	3	—
Cercal	29	44	Ribeira d'Alge	10	13
Chimpeles	8	37	Salgueira	1	—
Coelheira	21	29	Salgueiro da Lomba	13	10
Fato	8	21	Salgueiro da Ribeira	8	11
Ferraria S. João	6	10	Saonda	1	10
Fonte	1	—	Vale de Tábuas	—	4
Ladeira	1	—	Vale da Pousada	—	12
Lameirinha	—	8	Venda Nova	—	5
	206	430		352	638

## *Alguns lugares da freguesia*

### **Almofala de Baixo**

É um dos lugares mais bem localizados, bastante fértil, com vinho de primeira qualidade, atravessado pela estrada 237.

Ali viveu, em casa de seu irmão Dr. Augusto da Costa Simões, o Doutor António Augusto da Costa Simões, que foi médico nas Cinco Vilas durante alguns anos, tendo nessa data, 1860, publicado uma obra — «Topografia Médica das Cinco Vilas e Arega» que lhe serviu de teze no seu concurso para lente substituto da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra. Foi presidente da Câmara Municipal daquela cidade, tendo sido nessa data e sob a sua orientação construído o Cemitério da Conchada e o abastecimento de água à cidade.

Em 1857 foi nomeado Professor Catedrático da Universidade de Coimbra, e em 1865, sócio correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa e da Sociedade Antropológica de Paris, tendo-lhe nessa data o governo concedido o grau de Comendador da Ordem de S. Tiago. Em 1870 foi nomeado Administrador dos Hospitais da Universidade de que foi reitor, de 1892 a 1898. Quando ao Hospital acorriam pessoas das Cinco Vilas, tratava-as com o maior carinho, chegando a levar para sua casa pessoas pobres que não tinham recursos para hospedagem.

Na localidade ainda vivem descendentes da família, como o sr. Joaquim de Sá Ribas da Costa Simões.

A capela da localidade, dedicada a S. Pedro, tem presentemente como capelão o Rev.º P. Jaime Marques. O lugar tem escola, sendo professores António Sanches Soares e D. Maria Regina Jorge Martins.

Casas comerciais de Henrique Tomaz, Manuel Serra e Arcílio da Silva Marques. Oficina Metalúrgica e serrelharia de António Marques Boavida, Cerâmica e Serração de António da Piedade Pais e fábrica de meias de Abílio Godinho.

Há ainda dois aviários de Augusto Mendes Fidalgo e de Henrique Tomaz.

## Almofala de Cima

Nesta localidade há uma casa antiga que foi solar dos Pascoais de Melo. Ali viveu o conselheiro José de Melo Freire que faleceu em 1836, sobrinho do jurisconsulto Pascoal José de Melo, que foi sepultado junto à porta principal da Igreja da Agúda, no velho adro, em campa rasa, com uma pedra com a seguinte inscrição: «Aqui jaz o conselheiro José de Melo Freire, professo da Ordem de Cristo e de N. S.<sup>a</sup> da Conceição de Vila Viçosa. Comendador da Torre e Espada, Fidalgo da Casa Real».

Esta inscrição está hoje ilegível.

Naquela casa nasceu e morreu o Vigário de Agúda, Abílio João de Melo Freire, que casou meus pais, me baptizou e a meus irmãos e a quem muitas vezes ajudei à missa quando fui seminarista.

Era natural também deste lugar o P. Adelino Simões de Faria que ali faleceu em 22 de Julho de 1945. Estudou em Sernache do Bonjardim e foi ordenado, seguindo para Moçambique onde se conservou largos anos como missionário. Regressou aposentado, instalando-se na sua casa natal.

Foi por falta de clero nomeado pároco de Agúda onde dirigiu as obras na Igreja, sendo grande amigo dos seus paroquianos. Comprou uma casa com quintal na Agúda para residência paroquial, que cedeu à Igreja para residência do pároco, por escritura feita em 7 de Março de 1945 pelo notário de Figueiró Dr. Diniz de Carvalho, sendo testemunhas os Padres Sousa Ribeiro, pároco do Espinhal e António Lopes de Melo, de Pouzaflores. Era nesta data pároco da freguesia o P. Marques da Silva, que veio a falecer de desastre de motorizada junto à Ponte da Ribeira d'Alge, quando seguia para Figueiró. A casa foi beneficiada com obras quando ali foi pároco Silvestre Marques, que substituiu o P. José Rodrigues Paiva, que foi transferido para V. N. de Poiares.

## Casal de S. Simão

A poucos metros do lugar, um pouco a norte, junto às Fragas, existe uma capela dedicada a S. Simão, mandada construir no século XV, a qual foi ampliada em 1678 com uma sala para recepção de esmolas por ocasião da festa. Tem uma inscrição gótica difícil de decifrar. Um dia convidei 2 bons amigos, já falecidos, para visitarem a minha terra e passando-se pela capela, um deles, o Dr. Rocha Madail, arquivista da Universidade, feito a tradução com a maior facilidade para a linguagem actual. Diz assim:

«Esta capela mandou fazer João Vicente. Prior de Agúda, Criado do Conde D. Fernando e foi acabada na era de mil quatrocentos cinquenta e oito.»

O outro nosso companheiro era o Dr. Pedro Bravo, meu amigo e vi-

sinho de Coimbra, que foi Director da Escola Agrícola e por duas vezes Ministro da Agricultura.

No século passado a escola foi transferida da Capela para uma casa modesta, localizada ao cimo do lugar, cedida gratuitamente por João Gomes da Silva, pai do falecido Tenente de inf.<sup>a</sup> 15, João Gomes Teixeira, irmão de Fernando Gomes Teixeira, ainda vivo, residente no lugar, pai de 3 senhoras, todas professoras primárias.

Ali nasceu e morreu o padre João Simões de Abreu, que se dedicou à agricultura.

A actriz Beatriz Costa no seu livro «Sem Papas na Língua», fala a páginas 17 do seu primeiro Padrasto, cujo nome omite, que ela diz ser homem bom e lhe abriu o caminho para o teatro. Inquiri que o homem se chamou Manuel Jorge, 1.º sargento de inf.<sup>a</sup> 15, em Tomar. A mãe desse sargento era a Maria «Redonda». Também ali viveu nos fins do século passado, um senhor Alge, que fez a sua vida em África, donde regressou com algumas libras, um filho mulato e um gramofone de campânula, que ali atraía a mocidade da terra. Igualmente conheci o Padre Zé — Tamancaqueiro, homem religioso, que passava o dia a cantar os cânticos religiosos e trabalhando nos paus de figueira.

A Senhora D. Maria Augusta Rosa de Abreu, chefe da Estação dos CTT de Ancião, também é natural deste lugar.

## Pena

É um lugar que no século passado tinha 4 fogos, mas presentemente está desabitado. Ali nasceu um padre que tendo ido para o Brasil, onde foi Bispo dum Estado. Na igreja de Figueiró está o seu retrato a óleo. No século passado ali vivia um barbeiro muito entendido em medicina, que me livrou de morte certa. Dias depois de ter nascido, não fazia dejecções. Lá foi minha mãe muito aflita comigo, tendo ele resolvido o caso com um talo de couve molhado em azeite... Foi pai de António Lopes Teixeira, grande amigo de meu pai, que foi professor na Escola Normal de Leiria e de um padre que foi capelão da Misericórdia da Chamusca, onde há anos faleceu. O sr. Teixeira deixou os seguintes filhos: Eduardo de Almeida Teixeira, formado em direito pela Universidade de Coimbra, Amadeu, que foi oficial do Exército, D. Arminda que foi casada com o tenente António Cardoso Carvalho Machado e D. Maria do Carmo, minha companheira de carteira durante 5 anos do liceu, que veio a casar com o capitão José Rodrigues da Silva Mendes, que foi Governador Civil de Leiria por 2 vezes. Os 4 filhos tinham o curso de professores primários.

O lugar fica um pouco abaixo das Fragas de S. Simão, sendo dos lugares mais pitorescos de Portugal.

O Dr. Simões Barreiros mandou para lá abrir uma estrada para cuja inauguração me foi buscar à Marinha Grande, com o arcipreste de Figueiró, António Inglês, meu contemporâneo do seminário de Leiria, o qual era natural de Colmeias, Leiria.

O local é muito visitado no verão e no passado mês de Agosto alguém ali instalou um restaurante que parece ter feito bom negócio.

Um poeta figueiroense cantou-o assim:

### AS FRAGAS DE SÃO SIMÃO

*Malhoa pintou-as  
Como só ele sabia.  
Pudesse eu cantá-las  
Como posso olhá-las,  
Com prazer as cantaria.*

*Beleza horrível aquela  
Que o tempo talhou a pique  
Com o seu incrível machado.  
Tanta grandeza arrepe-la,  
Ninguém lá vai que não fique  
Prisioneiro, dominado  
Compensai vossas canseiras  
Turistas, ide lá ver:  
Descei, abaixo, às azenhas,  
Constantemente a moer  
O milho das pobres eiras,  
A mágoa daquelas penhas.*

*Levai anzóis e pescai,  
Onde a água se remansa,  
Alguma truta perdida  
O peixe nem sempre cai,  
Mas uma hora de esperança  
É sempre um gosto na vida.*

*As fragas de São Simão!...  
Malhoa pintou-as,  
Sentiu-as, amou-as  
Em Cristo e João.*

*Ide a Figueiró,  
Na Igreja, lá estão.*

Francisco Pires  
1965



## Ribeira d'Alge

Está este lugar situado junto à ponte da Ribeira d'Alge, com boas terras de cultura pelo lado norte.

Tem posto de Correio e telefónico, luz eléctrica e escola, sendo professora D. Maria das Dores Ribas de Sousa, residente em Agúda.

Neste lugar nasceu José Jorge Júnior que foi o 1.º Tenente da Armada, militar muito distinto que foi combatente da 1.ª Grande Guerra 1914-1918.

Foi condecorado por diversas vezes, tendo sido um homem de bem. São proprietários no lugar, Artur Godinho e Alcides Simões da Silva.

## Lugar do Bacelo

No século passado só lá havia uma casa de habitação dos pais do P. José Lopes da Rocha, que ali nasceu no ano de 1872. Estudou em Ser-nache onde tirou brilhante curso missionário, seguindo para as nossas colónias africanas onde evangelizou durante muitos anos. Em 1903 regressou portador de uma modesta reforma e umas grandes barbas, que mais tarde mandou cortar. Fixou a sua residência em Almofala de Baixo, tendo paroiado Agúda e Avelar quando eu ali era chefe da Estação dos C.T.T., sendo as nossas relações muito amistosas. Fez parte do Conselho Municipal de Figueiró no tempo da Presidência do Dr. Simões Barreiros, vindo a falecer em 21 de Agosto de 1939 vítima de reumatismo gotoso. Em 24 de Janeiro de 1960 faleceu com 100 anos sua irmã Ana da Conceição Rocha.

## Ponte de S. Simão

A ponte de pedra ali existente, não tendo nada de romana, devia ter sido construída no tempo em que em Portugal reinaram os Filipes de Espanha, certamente no lugar de outra mais modesta, pois por ali se fez sempre o tráfego do tempo, em muares e liteiras.

Ainda me recordo de no lado sul da ponte, à saída do carreiro para o Casal, existirem umas alminhas do purgatório com grades de ferro, onde os viandantes deixavam as suas esmolas, certamente para a capela de S. Simão.

O lugar teve 8 moinhos de moer farinha, alguns dos quais já desaparecidos e um lagar de azeite.

No ano de 1888 foi ali inaugurada uma fábrica de fiação, mandada construir por Manuel Francisco, da Castanheira de Pera, um indivíduo da Rapoula de apelido «Canhoto» e Manuel da Silva, Caixeiro, ali proprie-

tário. Foi seu gerente durante muitos anos, até à sua morte, Manuel Simões Pires, pai do nosso amigo Fernando Simões Pires, residente em Figueiró, irmão da sr.<sup>a</sup> D. Alda Pires, hoje aposentada do lugar de regente da escola local.

No século passado viviam ali 2 irmãos, negociantes de fazendas, bons proprietários. Eram José e Manuel Inácio Júnior, possuidores, dizia-se, de muitos alqueires de libras. Um deles era pai do farmacêutico, José Inácio, grande proprietário de cacau em Fernando Pó, pai de D. Aurora Inácio Faria, residente em Avelar.

Era também pai de D. Conceição que casou com um professor de nome Manuel Jorge, da Agúda, que esbanjou toda a sua fortuna, e D. Maximina que casou em Agúda com Pascoal de Melo, sobrinho do Vigário da freguesia, Abílio Melo Freire, o qual caindo dentro de um balseiro de mosto, ali veio a falecer.

A escola actual, com pouca frequência, é dirigida pela professora D. Guilhermina Pinto. Há um estabelecimento de bebidas e mercearias de que é proprietário Mário Ferreira Alves, ligado à nossa família pelo casamento.

## **Abrunheira**

É lugar de fraca agricultura, possuindo no entanto, ainda restos de antiga indústria de lanifícios.

Tem uma capela dedicada a N. S.<sup>a</sup> do Amparo; com telhado com duas águas, indo as dum lado para os afluentes do rio Mondego e do outro para os do Tejo.

Tem posto público e distribuição domiciliária. Está mal servida de estrada aguardando-se, porém a sua próxima construção ao longo da Serra.

## **Salgueiro da Ribeira**

Fica o lugar situado na margem direita da ribeira, que nasce um pouco mais acima.

As suas terras são férteis, pelo que os antigos lavradores possuíam grandes rebanhos de gado. Eram eles: Manuel Fontainhas, António do Ribeiro, Manuel Carlota e Manuel Simões dos Sobreiros, cujos netos e bisnetos, na sua maioria, foram viver para o lugar do Fato. Manuel Simões dos Sobreiros era bisavô do P. Rolando dos Prazeres Simões, actualmente a paroquiar Pampilhosa do Botão, que neste lugar nasceu, tendo feito os seus estudos no seminário de Coimbra, tendo cantado a sua primeira missa em Agúda em 19-11-1952. As ruas foram juncadas de flores. A sua entrada



*O P. Rolando dos Prazeres Simões na Agúda no dia da sua primeira Missa com seus padrinhos, Dr. António Ferreira Duarte e Manuel Leal Júnior*

foi triunfal. Foi pregador da festa o P. Silvestre Marques. De Poiães foi uma camioneta de pessoas amigas e outra com a Filarmónica. O novo sacerdote, quando seminarista, vinha aqui passar algumas férias pelo que era já conhecido.

O lugar é atravessado pela estrada que segue para o Salgueiro da Lomba. Tem distribuição rural domiciliária e em breve luz eléctrica.

## Chimpeles

Nos fins do século passado viveu neste lugar um homem de grande iniciativa, fundador de uma fábrica de lanifícios no Engenho, no local onde já tinha existido uma fábrica de fundição de ferro, que no tempo do Marquês de Pombal foi transferida para Foz de Alge. Chamava-se Manuel Joaquim, que tinha uma filha, Maria, que casou com um indivíduo dos Moninhos, de apelido Assunção, pais de Mateus, Raul e Manuel d'Assunção Silveira, já falecidos.

A fábrica foi comprada mais tarde pelo Dr. Simões Barreiros, que depois a vendeu com as férteis terras anexas a Artur Curado, que ainda lá vive.

O lugar tem escola de que é professora D. Carmen da Conceição Faria. O Dr. Simões Barreiros mandou para ali abrir uma estrada, seguindo para os Moninhos por uma ponte nova sobre a ribeira d'Alge.

## Moninhos

Há dois lugares Moninhos, Fundeiros e Cimeiros a pouca distância um do outro. Há uma capela dedicada a N. S.<sup>a</sup> da Piedade, cuja festa, muito concorrida, se realiza no mês de Setembro. Ali nasceu o P. Clemente Fernandes, de família humilde, mas que se notabilizou, pois foi escritor muito ilustre e professor de Direito Canónico e Prior da Ordem de Cristo. Na igreja de Éga, do concelho de Condeixa, onde faleceu, está uma sepultura com estes dizeres: «Esta sepultura é de Frei Clemente Fernandes, notário apostólico, vigário que foi desta freguesia. Faleceu em 2 de Outubro de 1674.»

Há uma escola primária para os 2 lugares a Coelheira e Vale da Pousada, sendo professora D. Maria Edite Coelho Quaresma.

## Lomba da Casa

Foi no século passado e princípios do actual o lugar mais industrial da freguesia.

A indústria de lanifícios foi ali florescente, sendo os principais possuidores de teares, José Duarte Moreira, António Godinho, José Carreira e Francisco Domingos de Sá. Com o casamento do meu bom amigo, António dos Santos Fino, da Ponte de S. Simão com D. Etelvina Moreira, filha de José Duarte Moreira, a indústria passou para o Avelar.

No ano de 1900 foi ali criada uma escola primária, sendo seu primeiro professor, Basílio Araujo Lacerda, de Figueiró dos Vinhos. Ali nasceu Manuel Domingos Godinho, que foi inspector escolar. Também é natural deste lugar D. Auzuminda Quintas, chefe da Estação dos C.T.T. em Figueiró dos Vinhos e D. Júlia Duarte Moreira, viúva, mãe de 2 médicos especialistas, fazendo clínica, um em Cascais e outro no Porto.

A povoação está mal servida de estrada, servindo-se o lugar pelo ramal do Salgueiro da Lomba.

Nas proximidades há o lugar do Cercal cujos habitantes emigram para o Brasil, França e Alemanha. Nos últimos tempos regressaram ao lugar muitos retornados de África, nomeadamente os irmãos Saraiva, que pensam ali fundar aviários e porcinas, pois dispõe de boas condições, visto ir ter luz eléctrica e abundância de água. A escola da Lomba da Casa vão os alunos do Cercal, cuja escola está presentemente vaga aguardando nova professora.

## Fato

Este pitoresco lugar, localizado na parte sul da Serra do Safredo, que no seu ponto mais alto fica a 567 metros acima do nível do mar, chamava-se anteriormente Casal do Fato, cujo nome deve ser proveniente de fato, rebanho de ovelhas ou cabras.

O lugar tinha em 1860, 8 fogos tendo presentemente 21, com tendência para aumentar, agora com a construção da nova estrada. No lugar, à vista do Salgueiro da Lomba há uma capela dedicada ao Anjo da Guarda, cujo início foi em 1828, sendo ampliada por promessa de Manuel Inácio Júnior, da Ponte de S. Simão em 1852.

*Auto da Bênção da Capela do Anjo Custódio da Guarda «Ad perpetuum in memoriun»*

Ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e cinquenta e dois. Aos vinte e oito dias do mês de Abril, nesta freguesia de Nossa Senhora da Graça de Agúda e capela dedicada ao Anjo Custódio da Guarda, junto ao lugar do Fato, aí era presente o muito reverendíssimo

Arcipreste do Distrito de Alvaiazere, o Doutor José da Encarnação Coelho, autorizado pelo nosso Excelentíssimo Prelado Diocesano, para vistoriar e benzer a referida capela e achando-a suficientemente decente, procedeu à bênção conforme as rúbricas do Ritual Romano e concluída esta, o reverendo pároco da freguesia, Manuel Pereira de Matos, celebrou missa cantada, assistindo o Reverendo Arcipreste, o Reverendo José Simões de Abreu, do Casal de S. Simão e eu secretário do Arciprestado Comissário lavrei este auto de que foram testemunhas os ditos Reverendos eclesiásticos, o zelador da capela Manuel Inácio Júnior e outras pessoas visinhas.

Padre João Simões Louzã, secretário do Arciprestado o escrevi e assino depois de lido diante de todos.

a) *O vigário Manuel Pereira de Matos*

*Padre José Simões de Abreu*

*Manuel Inácio Júnior (zelador)*

*Manuel José Alves*

*Francisco da Silva.*

## O meu avô José Leal e a Capela do Fato

A história da Capela do Fato está ligada à vida do meu avô, que ele contava com orgulho.

Tinha ele uma estalagem no lugar do Ribeirinho, da freguesia da Cumieira, junto da antiga estrada Tomar Coimbra; ali pernoitavam os carroceiros, almocreves e outros viandantes. Minha avó Florinda tinha bom paladar e fazia boa comida. Um dia, alta noite, apareceu-lhe lá o ainda jovem Manuel Inácio Júnior, muito aflito, pedindo agasalho em local escondido pois esperava ser procurado por soldados idos do Alentejo, onde tinha cometido uma leviandade amorosa. Meu avô fez uma cova funda no curral das mulas tapando com tábuas e mato, retirando-o à noite para o sótão onde, em caso de aflição, podia retirar telhas e fugir.

Esteve ali escondido cerca de 2 meses. A tropa foi à Ponte de S. Simão, não passando pelo Ribeirinho e sendo infrutíferas as pesquisas, retirou.

Ele continuou a sua vida de ambulante, não voltando ao Alentejo. Ficou muito grato ao meu avô de quem ficou sempre amigo. Passados alguns anos foi construída a *Estrada Real*, Tomar Coimbra que passava afastada da antiga, e a estalagem de meu avô, perdeu a clientela.

Meu avô, dizia ele, só tinha um recurso: Pedir esmola. Sem terras,



***JOSÉ LEAL, nasceu no Ribeirinho, Cumieira em 1828  
e faleceu no Salgueiro da Lomba em 1912***

sem casas em bom local, a mulher falecida e com 6 filhos menores, calcule-se o problema. Ainda pensou em ir para o próximo lugar de S. Paulo malhar ferro no ferreiro que era seu compadre. O ganho era fraco e a falta de terras para amanho, trabalho que os filhos faziam, eram indispensáveis. Bateu à porta do seu amigo Inácio da Ponte que lhe deu uma casa de habitação no Salgueiro e terras para amanho com oliveiras, videiras, etc.. Lá se foi instalar com os filhos, salvando-lhe a situação. O Manuel Inácio tinha feito uma promessa: — Mandar reparar a capela do Fato se não fosse apanhado. Assim cumpriu. Faltava o Santo, o que meu avô resolveu. Foi à Venda dos Moinhos onde havia uma fonte, já seca, no solar de D. Manuel Velasques Sarmiento Coelho de Mascarenhas, naquela data já desabitado, e retirou uma das figuras da fonte com a pianha, onde tinha sido esculpida.

Quem for à capela ainda lá pode ver essa figura a quem foi dado o nome de Anjo da Guarda.

O transporte do Santo foi às costas, tendo o meu avô descansado mais de 70 de vezes pelo caminho. O transporte foi em noite escura.

O lugar tem escola primária com edifício próprio mandado construir por António da Conceição Ferreira, encarregado do posto público e comerciante local, pai do estudante liceal António Aires Simões Ferreira.

É professora da Escola, D. Maria José Santos Costa Natividade. Tem três fontenários públicos e nos princípios do novo ano, luz eléctrica.

São naturais do lugar o Dr. António Ferreira Duarte, farmacêutico, o Dr. Francisco Augusto Simões, Delegado do Procurador da República em Benavente e Emídio Emílio de Almeida, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos onde reside.

## Salgueiro da Lomba

O corregedor da Estremadura, em 1527, encarregado por D. João III de fazer o recenseamento da população da Estremadura escreveu, conforme documento arquivado na Torre do Tombo:

«Esta vila de Avelar qu he do Marquês (de Vila Real) tem 22 visinhos no corpo da vila. Titolo do seu termo St. Aldea da Rascoa, tem 16 visinhos. Aldea da Rapoula 20, Aldea da Serra 3, Aldea do Salgueiro 12. Aldea do Cerqal cô visinhos 13.»

O lugar do Salgueiro a que naquele tempo chamavam aldeia, tinha nos princípios do século actual 17 fogos. Presentemente tem 10. É, pois uma pequena povoação a 337 metros acima do nível do mar, num pequeno



planalto, rodeado de terras secas com eucaliptos por todos os lados que lhe tiram as lindas vistas que de lá se disfrutavam nos princípios deste século. Naquele tempo avistavam-se as capelas do Fato, S. Simão, S. Neutel e do Cabeço do Pião. Igualmente se avistavam as torres brancas das igrejas de Aguda, Maçãs de D. Maria e Aréga.

No ano de 1932 foi o lugar beneficiado com um fontenário com bebedouro para animais, melhoramento que se ficou a dever ao então presidente da Câmara, meu querido amigo, Dr. Simões Barreiros.

Em 1968 fez-se a terraplanagem de uma estrada até ao lugar, ficando esta obra a dever-se ao Presidente da Câmara Municipal meu amigo também. Dr. Henrique Vaz de Lacerda, ligado à freguesia e família Leal por laços maternos. A população vive um pouco das terras de regadio ao longo da ribeira do Salgueiro, cujos acessos são bastante difíceis. Ali nasceram e vivem os nossos parentes Augusto da Encarnação Silva, casado com D. Maria da C. Ferreira, pais dos estudantes Acácio Ferreira da Silva e Maria Emília F. da Silva.

Adelino Simões, Ambrósio Simões e Manuel Lopes, pai de António Lopes, ausente com sua família em Luxemburgo. Aguarda-se em breve a inauguração da luz eléctrica.

## *Os nossos antepassados*

Nos livros paroquiais da freguesia arquivados na Universidade de Coimbra, descobri que no ano de 1730 casou João Simões com Dorigas Antunes e que no ano de 1770 casou seu filho Primitivo Simões com Maria e foram pais de 7 filhos.

Destes, citarei 2: *Domingos e Maria Antónia*. Daquele descendem o P. Fernando Marques Simões, prior de Cordinhã e Portunhas, do Concelho de Cantanhede e seus primos Américo e Henrique Marques Simões, presentemente retornados da Província de Moçambique onde foram forçados, como tantos outros, a deixar os seus haveres, lutando agora contra as intempéries do tempo, nada benéficas.

Maria Antónia era avó de minha Mãe, *Margarida de Jesus*, nascida no lugar em 1870. Era seu pai, Tomaz Silveira, natural de Caneve, freguesia da Cumieira, concelho de Penela.

Homem simples e de boa formação, tinha uma irmã em Leiria, que para ali foi com 14 anos como criada do Dr. Guilherme Peres Furtado Galvão, juiz de Direito, oriundo de Penela, que ali casou com D. Joana Cândida de Oliveira, senhora de grande fortuna que morava na sua casa

que vai da Fonte Grande até ao meio da actual rua Tenente Valadim. Pertencem-lhe todo o quarteirão até para cima do Liceu.

Falecido o Dr. Juíz em 1871 ficou minha tia com a senhora, que não tinha ninguém senão um primo, o pai do Dr. Verde, que lhe herdou a fortuna, deixando também à minha tia uma valiosa lembrança em retribuição do carinho que sempre lhe dispensou. Alguns prédios junto ao Liceu Rodrigues Lobo, terras de milho, uma vinha na Cruz da Areia e um grande pinhal em Parceiros. O pinhal Cardoso.

Minha tia foi até à morte, em 1913, a governante da casa, visto o proprietário residir em Lisboa, onde foi secretário do Dr. José Luciano de Castro quando Presidente do Governo Progressista.

## Abençoada Cigana

Minha mãe, filha única, quando chegou aos 20 anos não lhe faltaram pretendentes. Porém, uma tia minha, Felismina, pretendeu fazer-lhe o casamento com meu pai que viviam no lugar, vindo do Ribeirinho, como atrás fica dito. Minha mãe não ligou ao caso porque viviam em terras dadas pelo Inácio da Ponte e ela sempre tinha algumas propriedades e a *Tia rica*, em Leiria. Um dia a tia Felismina foi à Ponte de S. Simão e encontrou lá uma cigana a quem convidou, a troco de 1 vintém ir ao Salgueiro fazer-se disfarçada, ler a sina à minha mãe, diante dos pais. Tanto «latim» a cigana desenvolveu que meus avós e minha mãe ficaram convencidos que o meu pai seria um marido exemplar com mil e um predicados. A cigana foi-se embora, dando-lhe os meus avós um litro de azeite, meio alqueire de batatas, 1 chouriça e toucinho.

O casamento fez-se ficando os meus pais a viver com meus avós, como conselho da cigana e então, vistas hoje as coisas, a cigana não se enganou. O meu pai foi o modelo de marido e genro pois os meus avós viveram e morreram junto de meus pais. Abençoada cigana!

## *Meus filhos, netos e bisnetos*

Nasci no Salgueiro da Lomba em 29-11-1891, casando com Maria Gabriela de Carvalho Maia, professora primária em Carvide, 4 anos mais velha, isto é, com 28 anos.

Em Vieira de Leiria nasceu minha filha Maria Fernanda, no dia 24-3-1917 tendo casado com Joaquim Manuel de Noronha, com quem foi para Moçambique, onde era empregado algodoeiro nas propriedades do Príncipe de Bourbon e Parma, cujo marido ali faleceu, tendo deixado uma filha, Maria do Céu e um menino que faleceu no Brasil.

Regressando a Portugal, voltou a casar em Poiares com Eugénio Matos dos Santos, indo para o Brasil — Rio de Janeiro com a Maria do Céu e Maria Clara, já filha do Eugénio, tendo esta 2 anos. Ali, a Maria do Céu casou com o industrial Harisson Diogenes Medeiros, sendo pais de Roberto Carlos, Sónia e André Luís, meus bisnetos. A Clara Margarida, estudante invulgar, é presentemente professora provisória de uma Universidade do Rio de Janeiro.

Ali nasceu o António também, que se dedica ao Comércio, ajudando os pais nos seus estabelecimentos comerciais muito prósperos. Meu filho, Telmo Leal Maia, nasceu no Avelar em 21-3-1921. Casou com D. Maria Fernanda Santos Leal Maia, ambos funcionários dos C.T.T.. Ele chefe da Estação dos Correios do Terreiro do Paço e ela numa repartição dos Serviços em Santa Marta. Não têm filhos, pelo que levaram para casa um menino com 3 anos, António José da Piedade, de Vila Nova de Poiares, cuja mãe é de Vale da Clara. Fez os seus estudos pagos pelos seus pais adoptivos e presentemente frequenta o 5.º ano de biológicas na Universidade de Lisboa sendo monitor por ter feito o 3.º ano, dando aulas aos alunos do 1.º ano. Casou em Abril último com a Dr.ª D. Alexandra Marina Gonçalves Rasteiro Lopes, formada em Matemáticas pela mesma Universidade.

## *Meus irmãos, filhos e netos*

MARIA DE JESUS, falecida com 22 anos, solteira, com doença do estômago.

ANTÓNIO LEAL, já falecido, nascido no ano de 1897, foi casado com D. Maria do Fetal Menitra Leal pais dos seguintes filhos:

*Martinho de Carvalho Leal* — Tenente Coronel de Artilharia, colocado em Leiria, casado com D. Maria Antónia Lopes dos Santos Leal, pais dos meninos Cristina Maria, Isabel e Rui Filipe, estudantes.

Armando Carvalho Leal, alferes do exército, colocado em Coimbra, casado com D. Maria José Nogueira Figueiredo Leal, funcionária dos serviços municipalizados de Coimbra, pais dos meninos António Luís e Paulo Jorge, estudantes.

Luís Filipe Menitra Leal, casado com D. Aida Duarte Gomes Leal, pais do menino Daniel Luís, residentes em OHIO, América do Norte.

Mariana Menitra Leal, casada com Isidro da Silva Mendes, pais de Sina Maria e George Michael, estudantes residentes em Ohio, América do Norte.

JOSÉ D'ASSUNÇÃO LEAL, falecido, que foi casado com D. Olinda da Conceição Leal, residente em Parceiros, Leiria, pais de César d'Assunção Leal, casado com D. Arminda Ferreira Matias Leal, Técnico de Farmácia, pais das meninas Maria Elisabet e Arminda, estudantes liceais e

Adelina da Conceição Leal, religiosa, Irmã Franciscana da Imaculada Conceição, presentemente recolhida no «Lar» de Santo António em Caminha.

MARIA ROSA LEAL, falecida, que foi casada com José Vicente Pereira, também já falecido, que deixaram um casal de filhos.

Maria Alice Leal Pereira dos Santos, casada com Alípio Vieira dos Santos, pais do estudante John Leal Santos, estudante de curso superior, residentes em Montreal — Canadá e

Adelino Leal Pereira, Capitão técnico da Força Aérea, casado com D. Maria Julcinea Mendes Pereira, pais de um casal de filhos: Maria Isabel e Artur Manuel, alunos respectivamente do 7.º e 5.º anos dos liceus de Leiria.

JOAQUIM LEAL — falecido, que foi casado com D. Maria da Conceição Roberto, também já falecida, que foram pais de Valdemira da Conceição Leal Mendes, casada com José António Coelho Mendes, pais do casal de meninos, Edgar Leal Mendes estudante e Andreia Martine Leal Mendes, residentes na Alemanha ocidental.

ABÍLIO LEAL, falecido, que foi casado com D. Hermengarda Ferreira Jacob, professora primária aposentada, residente em Quinta do Pisão, Leiria. Filhos:

*Abílio Celso Ferreira Leal*, 2.º oficial da Junta Autónoma das Estradas, prestando serviço nos escritórios da Ponte sobre o Tejo, casado com D. Maria Rosa de Moura Gonçalves Rolo Leal, professora primária na Amadora, onde residem, com um casal de filhos, Pedro Nuno e Teresa Margarida, estudantes liceais.

*Zita Maria Ferreira Leal da Silva*, professora primária em Leiria, casada com Armindo da Silva, sargento ajudante de infantaria. Filhos do

casal: Rui Jorge, estudante de engenharia, Carlos José, Sérgio, Luís Filipe e Nuno Miguel, estudantes.

*Idílio Celso Ferreira Leal*, com um casal de filhos, estudantes do liceu, Cristina Maria e Paulo Alexandre. É casado com D. Ilda d'Assunção Bastos.

ALBERTO LEAL, faleceu com 3 anos, vítima de garrotilho.

MARGARIDA DA CONCEIÇÃO LEAL, nasceu na Quinta do Vale de Arnedo freguesia da Barosa, em 1-1-1913, casada com João Ferreira Bernardino, residentes em Azoia, pais de:

*Dite Ferreira Bernardino*, casada com Henrique Pereira Bernardino, pais das meninas Paula Sofia e Inês Alexandra, estudantes.

*Gina Ferreira Bernardino*, casada com Fernando Borges Francisco, pais de Zita Margarida, Ana Beatriz e Vasco Fernando que frequentam a escola primária.

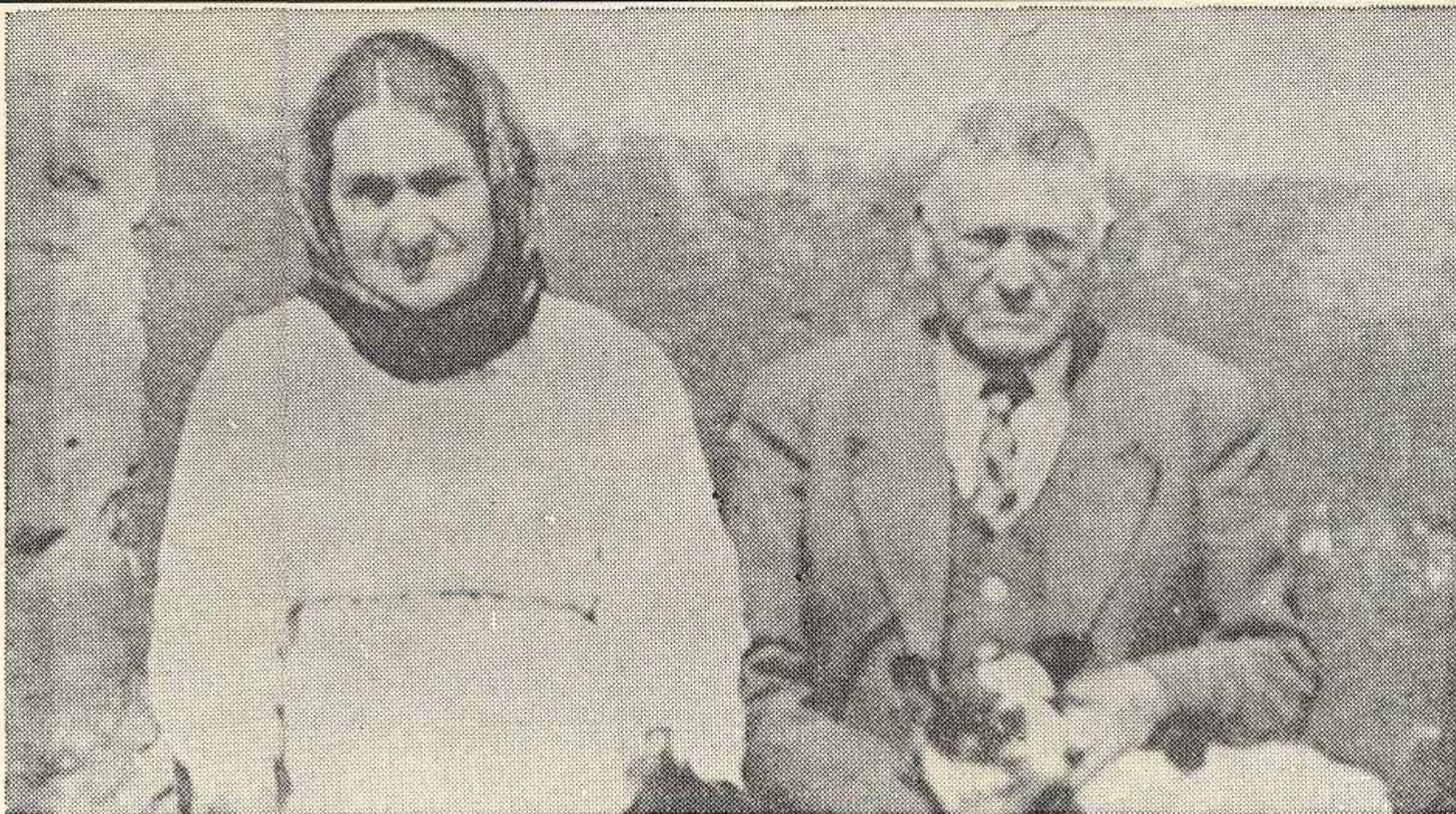
## *Primos amigos*

Uma irmã de meu pai, Maria Rosa Leal, casou em Penela com o farmacêutico Albano César Ferrão Castelo Branco, de Vila Chã de Poiares, pais de 3 filhas, Ermelinda, Maria e Alice, e de 3 filhos, Abílio, casado com D. Maria da Encarnação Oliveira, não tendo filhos, e Arlindo Ferrão, casado com D. Eugénia Dantas Ferrão, pais de António Dantas Ferrão, estudante da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Pedro Dantas Ferrão, quintanista de Medicina na mesma Universidade e José ausente em Luanda.

Netos de outra irmã de meu pai, Albertina Rosa Leal, são: *Silvio Rosa dos Santos*, casado com D. Maria Teresa Garcia dos Santos, pais de 2 filhos: Jorge Manuel e Paulo Fernando.

*Dr. Alcides Rosa dos Santos*, casado com D. Maria Fernanda Teixeira Santos, professora primária, tendo 3 filhos: Armindo Rui, Luís Miguel e Nuno Sérgio. Os filhos de ambos são estudantes liceais. Tanto o Silvio como o Dr. Alcides são naturais de Salgueiro da Lomba.

D. Benilde Rosa dos Santos, casada com José Clemente Baptista, com um casal de filhos: — Fernando Maria dos Santos Baptista, estudante de engenharia e Fernanda Maria, aluna da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. São também nossos familiares, Artur da Conceição Dias, Odontologista, residente no Espinhal, seu irmão Raul e José Marques da Conceição Dias, Engenheiro Eletrotécnico, residente em Camarate, casado com a também nossa familiar, D. Mabilia Mendes Sardinha.



## *A vida dura de meus pais*

Como já aqui foi dito, fui para Leiria em 1900. Em 1909, estudante do liceu, levado pela saudade de minha família, fui passar umas férias da Páscoa ao meu Salgueiro da Lomba.

Foi para mim uma desolação ver a dura vida de meus pais, rodeados de 7 filhos menores. Os 15 dias que lá passei foram os mais tristes da minha vida. Para arranjar dinheiro para o meu regresso, teve meu pai de vender um carneiro por 8 tostões.

Ao chegar a Leiria contei à minha tia o quadro triste que tinha presenciado e sugeri-lhe o arrendamento de uma quinta da casa, à Ponte das Mestras, chamada Quinta do Vale de Arnedo. Minha tia concordou em virtude de o rendeiro a deixar devido à sua avançada idade.

Escrevi a meu pai nesse sentido mas minha mãe opôz-se. Depois de troca de cartas os meus pais resolveram vir a título de experiência, deixando o Salgueiro.

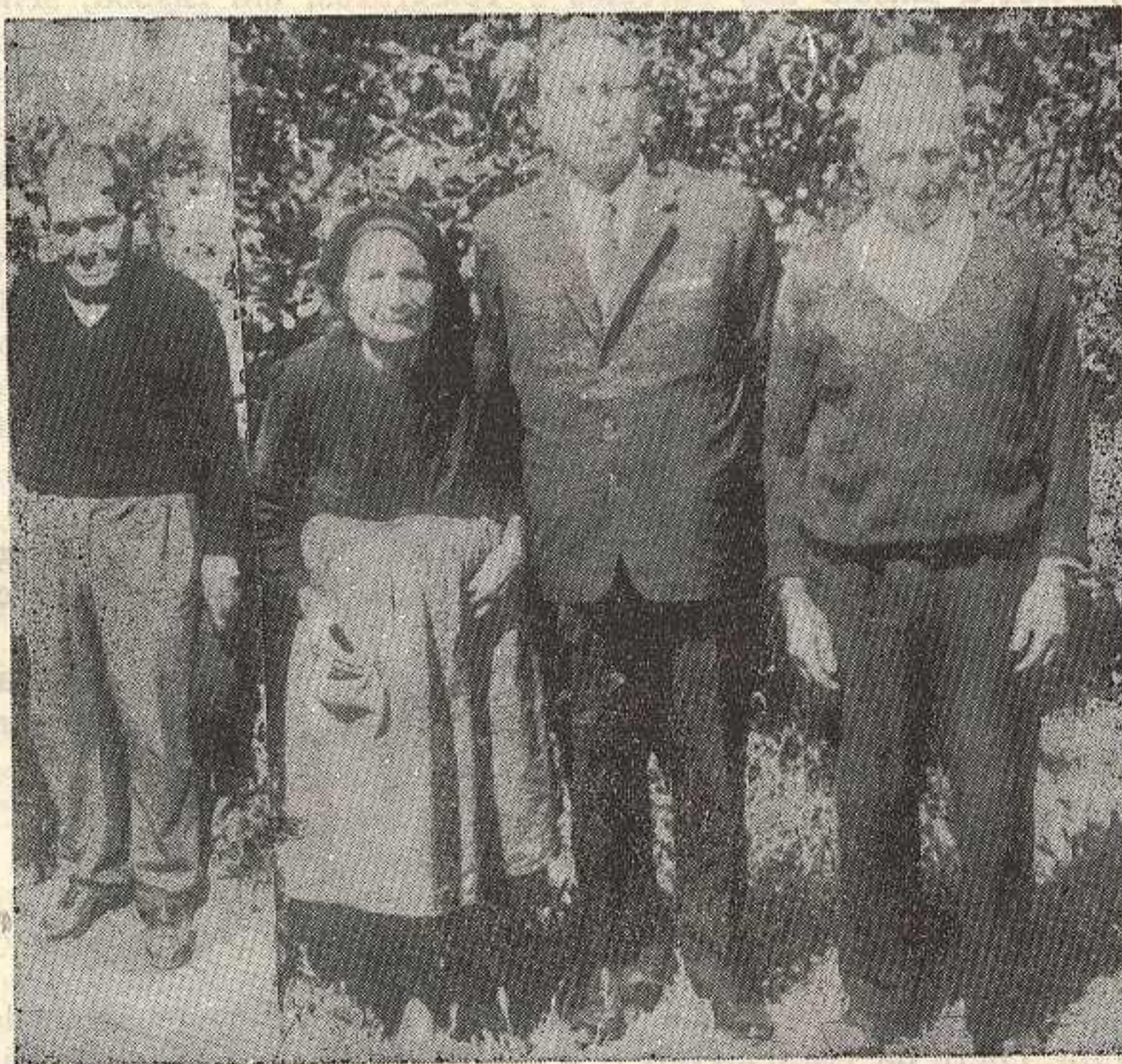
A vida era outra; trabalhava-se mas havia que comer. A quinta era boa. Como os filhos eram pequenos e meu pai não sabia lidar com bois, mandou ir um compadre, do Salgueiro, que foi um grande auxiliar, dando-lhe mais tarde meu pai pelo seu trabalho a casa de habitação e algumas propriedades, vendendo outras ao desbarato aos habitantes mais pobres do Salgueiro.

Em 1918 meu pai comprou a grande Quinta do Pizão a Filipe Couto Leitão, que se encontrava em Paris, por 10 contos, instalando-se lá com a família, deixando Vale de Arnêde. Dali principiaram a casar meus irmãos, instalando-se na quinta onde ainda estão as viúvas e família.

Meus sobrinhos principiaram os seus estudos e tudo se modificou.

## Reunião de Família

No dia 10-X-1971 teve lugar na nossa terra natal uma grande reunião de família, mais de 60 pessoas que ali se fizeram transportar em 14 automóveis todos da família, comemorou-se o aniversário natalício da «tia Maria», nossa prima, que dias antes tinha feito 100 anos. Foi uma festa memorável a que a nossa velhinha presidiu. Infelizmente só durou mais 2 meses.



*No Salgueiro da Lomba — uma centenária com 3 octogenários:  
e Adelino Marques Simões  
Manuel Simões Ferreira, Manuel Leal Júnior*

# Biografia

Quando da publicação do opúsculo entregue em 29-II-1973, os meus familiares, fizeram reparo por não ter publicado nada que dissesse respeito à minha vida profissional e privada. Aí ficam, para matar a curiosidade, alguns apontamentos.

Aos 9 anos fui para Leiria onde fiz exame de 1.º e 2.º grau no ano de 1903 ficando distinto no primeiro e aprovado no 2.º.

Internado no seminário de Leiria, frequentei-o de 1904 a 1908, data em que pedi a minha tia para frequentar o liceu pois o seminário não me seduzia.

Frequentei-o até ao 5.º ano, tendo em Agosto de 1910 a Agosto de 1912 prestado serviço militar com licença para estudos. Fui 1.º Cabo Miliciano e atirador de 2.ª classe, como consta da caderneta militar.

Concorri à Escola dos Correios e Telégrafos, em Lisboa, sendo admitido em 1913 e 1914. Regressei a Leiria onde fiz um estágio gratuito obrigatório de 1 de Outubro de 1914 a 31 de Março de 1915 percorrendo as secções. Recordo-me que no dia 6, uma terça-feira, dia de mercado e eu, inespiciente, vi-me atrapalhado para fazer o serviço, porque só trazia de Lisboa a teoria.

No dia 7 fui escalado para o postal, fazendo o serviço de registo para os carteiros levarem. Era o Clarêncio, o Pedro Penadinho, filho do sineiro, devoto do Deus Baco, o Cândido e outro que não me recordo o nome.

Os carteiros saíram para a distribuição ficando eu mais ou menos com o serviço em dia, quando chegou um homem a empurrar uma carroça carregada de jornais.

Era o 1.º número de «O Mensageiro» que avidamente li.

Fiz a distribuição pelas freguesias deixando de lado o serviço das ambulâncias que um funcionário chamado Jorge Leitão, natural da cidade, me veio ensinar a fazer.

Foi há 62 anos. Até hoje não mais deixei de o ler «O Mensageiro» que me fez grande amigo do seu Director P. José Ferreira de Lacerda Reitor dos Milagres.

## Ervidel

Findo o meu estágio em Leiria, fui nomeado no mês de Abril, daquele ano de 1915, chefe da Estação dos C.T.T. de Ervidel, concelho de Aljustrel. Tomei posse no dia 1 de Maio.

Era uma grande aldeia onde a população me recebeu com carinho, sendo-me dado acolhimento numa casa particular.



Não tive dificuldades e senti-me bem entre aquela gente com hábitos diferentes dos povos de Leiria. O que mais me atrapalhou foi a comida, à base de gorduras que o meu estômago não recebia bem. Pelo correio passavam todos os dias lavradores, donas de casa, não faltando também meninas curiosas comprando selos para as cartas a enviar certamente para os seus namorados.

Não me afeiçoei à terra nem àquela gente e só pensava na minha aproximação de Leiria onde tinha a família.

Por isso pedi a minha transferência para Vieira de Leiria de cuja estação tomei posse em 19 de Março de 1916.

## Vieira de Leiria

Era já terra minha conhecida e foi com prazer que ali dei entrada indo de imediato cumprimentar o pároco, José Inácio, que comigo tinha estado no seminário. Alegria para mim e para ele.

Sem dificuldades no serviço, um pouco mais abundante devido à indústria de limas e machados que os industriais expediam em quantidade para Espanha e Brasil.

Um dia de mercado fui à praça, em frente, comprar meias de lã porque o frio incomodava-me. Em cima de uma esteira estavam uns pacotes, de que comprei meia dúzia. Levei-as por meias mas ao chegar a casa qual não foi o meu espanto quando verifiquei serem canos que as mulheres usavam. A mulher que me vendeu o artigo enganou-me pois devia considerar estranho um rapaz comprar tal artigo e bem pago, segundo depois verifiquei. Dias depois uma surpresa me estava reservada. O regedor da freguesia apareceu-me com um ofício urgente com ordem para me apresentar em Leiria no quartel de Infantaria 7. Tinha sido mobilizado para ir para a guerra.

Deixei-me ficar, mas dois dias depois foi recebido um telegrama oficial que me fez perder a serenidade.

Contei o dinheiro, fechei a porta, entreguei as chaves ao regedor e fui-me apresentar. Era para fazer uma escola de oficiais milicianos, devendo seguir para Mafra.

De tropa nada sabia, mas teria de aprender se o povo não tivesse reclamado o encerramento da Estação, o que aconteceu noutras partes, e o ministério da Guerra não tivesse expedido uma circular isentando de mobilização os funcionários dos C.T.T.

Passados uns 5 dias regresssei ao meu posto.

Uma das pessoas a entrar na estação foi uma senhora professora que procurava uns documentos que lhe faltavam, que a Direcção Escolar

lhe tinha enviado. Certamente que fui solícito em procurar os documentos, como era meu dever, os quais finalmente encontrei. Novamente à tarde regressou, um pouco fora da hora; fiz o registo e para não estar com de-longas, só digo que o nosso casamento se realizou em 10 de Junho seguinte.

Não me foi difícil verificar que era a pessoa que me convinha, muito principalmente pelos sentimentos que era portadora. E não me enganei pelo que nunca me arrependi. Era na verdade alguém que sabia honrar o seu sexo, ser boa esposa e depois a melhor das mães e amiga do próximo.

Em Maio de 1918 recebi a visita agradável de um amigo, António dos Santos Fino, do Avelar, que me ia convidar a ir para aquela terra onde tinha instalado uma fábrica de lanifícios. Seria seu sócio. Depois do Assunto pensado pedi a minha transferência e de minha esposa, não se fazendo a dela esperar. Porém, terrível surpresa surgiu!

Em 27 do mês seguinte o meu amigo falecia, vítima da pneumónica. Como minha mulher tinha uma viagem forçada, diária de 4 quilómetros, resolvi seguir.

Ainda nesta terra, um dia o distribuidor postal adoeceu. Tive de arranjar um jornaleiro provisório.

Por informações, chamei um pescador do mar há pouco chegado da vida militar.

Chamava-se Manuel Luís Crespo.

Era bastante educado, um pouco humorista, que caiu nas minhas graças.

Com a apresentação do distribuidor efectivo, o rapaz deixou o lugar com saudade.

Preparei-o para exame e o meu director arranjou-lhe lugar na Vila do Bombarral.

Lá trabalhou, constituiu família e faleceu aposentado. Deixou 2 casais de filhos que educou conforme as suas posses. Quero aqui recordar sua filha D. Júlia Crespo Pereira, residente naquela vila, com seu marido filha e genro, estes ali funcionários camarários. D. Júlia nas horas vagas dedica-se à poesia. Aqui tenho o seu livrinho — «Album» 1973. Fala com o coração. Que maravilha! É sempre com interesse que leio os seus escritos espalhados por jornais, tão cheios de moral.

## **Avelar**

Tomei posse desta estação em 26 de Setembro pois aguardei que minha esposa terminasse o ano lectivo.

Terra amiga, onde era conhecido, pois o meu Salgueiro ficava a uns 5 quilómetros, verdade seja, por péssima estrada. Em Maio de 1925 senti-

-me gravemente doente e tendo sido chamado o Dr. Simões Barreiros, que fazia clínica em Figueiró, e vendo o meu estado, sem voltar a Figueiró me transportou no seu carro a Coimbra, onde o Dr. Bissaya Barreto me operou ao estômago. Foi a minha salvação e como eu fiquei grato aqueles bons médicos. Notando pelo convívio com minha esposa que uma vizinha, Maria da Conceição Moreira, era inteligente e de esmerada educação, e como havia uma lei que permitia termos uma proposta para as nossas faltas, preparei-a para o efeito. O pior foi que com grande falta de pessoal a aproveitaram logo para chefiar Ancião, estando presentemente reformada.

Nos princípios de Julho de 1927 foi ao Avelar o Director dos Correios de Leiria, informando-me que em virtude de ter dado boas provas de conhecedor do serviço, teria de ser transferido daquela estação de 4.ª classe.

Dava-me à escolha Pombal, Marinha, Alcobaça, estações de 2.ª ou mesmo Caldas da Rainha, de 1.ª classe.

Passados dias respondia aceitar Marinha Grande, onde tinha conhecimentos, bem como minha esposa, que já lá tinha sido professora interina.

Fui ajudante do Registo Civil durante 7 anos, até à minha saída.

## Marinha Grande

Fomos pois para Marinha Grande, levando o nosso casal de filhos. Como o meu colega da Marinha tinha caído em desgraça perante o povo, obrigando-se a pedir a transferência para Lisboa. Na Marinha sabendo da minha transferência, foi-me buscar ao Avelar um grupo de marinhenses. Tomei posse em 11 de Junho de 1927.

Não me alongo. Cumpri sempre o meu dever o melhor que me foi possível, melhorando os serviços e as instalações que eram precárias. Com a conveniente autorização superior fui nomeado Presidente da Comissão Municipal de Turismo, lugar que exerci o melhor que me foi possível, legando aos marinhenses a avenida à entrada da vila, para os lados de Leiria, onde existiam montes de entulho e árvores inestéticas de grande porte. S. Pedro de Muel também beneficiou com a luz eléctrica a motor, o que me veio trazer a grande amizade com o poeta Dr. Afonso Lopes Vieira de quem, além das suas obras, tenho gratas recordações.

A meus pais e irmãos prestei todo o auxílio que me foi possível, no que não fiz favor nenhum.

O ensino de meu irmão Abílio para seguir a carreira telegrafo-postal levando-o a chefe da Estação de S. Martinho do Porto, onde teve como ajudante o Raul da Costa Pereira que mais tarde se foi instalar em Arganil. O meu irmão foi ainda chefe de Estação em Ancião, Avelar, Penela e



*Pessoal Telégrafo-postal da Marinha Grande em 1935*

outros, aposentando-se quando funcionário em Leiria. Por incompreensivos problemas na altura do casamento de minha irmã Conceição também interfe-ri em sua representação e em boa harmonia.

.....

Reconhecendo a falta de um compêndio para estudo dos que queriam habilitar aos serviços Telegrafo-postais, publiquei duas edições do «Guia do Telégrafo-postal» que obteve o melhor acolhimento, esgotando-se rapidamente, tendo pela sua publicação recebido louvor, concedido superiormente. A aposentação de minha mulher e os estudos de meu filho levaram-me a pedir transferência para Coimbra.

## **Coimbra**

Tomei posse em Coimbra, em Abril de 1937. Após ter percorrido diversos serviços, fui nomeado instrutor dos candidatos que destinavam

a futuros funcionários, lugar que exercia sempre após abertura de concursos de admissão.

Na Secretaria substitui durante anos o Sub-Chefe dos Serviços durante o impedimento d'ele em Comissões de serviço em Lisboa. Um dia, bastante doente, recebi a visita do distribuidor postal José Maria Carvalho Marques que se ia apresentar para exame de distribuidor de 1.ª classe, lugar a que foi promovido, encontrando-se presentemente aposentado.

Foi por seu intermédio que comprei as minhas instalações em Poiares, para onde vim em Setembro de 1947.

## V. N. de Poiares

A pedido, exerci os lugares, *gratuitamente*, de presidente do Conselho Geral do Grémio da Lavoura de Penacova, de Presidente da Comissão Municipal de Assistência, durante, respectivamente 17 e 18 anos e de Vice-Provedor do Hospital, durante 10 anos. Se foi bem ou mal, o público que o julgue.

# Índice

A razão deste livro	5
Agúda na antiguidade	7
Agúda na actualidade	9
Relação dos lugares da Freguesia de Agúda	10
Almofala de Baixo	11
Almofala de Cima	12
Casal de S. Simão	12
Pena	13
Ribeira d'Alge	15
Lugar do Bacelo	15
Ponte de S. Simão	15
Abrunheira	16
Salgueiro da Ribeira	16
Chimpeles	18
Moninhos	18
Lomba da Casa	19
Fato	19
O meu avô José Leal e a Capela do Fato	20
Salgueiro da Lomba	22
Os nossos antepassados	23
Abençoada Cigana	24
Meus filhos, netos e bisnetos	25
Meus irmãos, filhos e netos	25
Primos amigos	27
A vida dura de meus pais	28
Reunião de família	29
Biografia	30
Ervidel	30
Vieira de Leiria	31
Avelar	32
Marinha Grande	33
Coimbra	34
Vila Nova de Poiares	35



*No dia*

*dos meus 85 anos.*

*29-11-1976*

*Manuel Leal Júnior*

Composto e Impresso:  
Gráfica de Gouveia, L.da